

## **Revista Pensar... para pensar também o *como se está pensando!***

Cada número de nossa Revista Pensar reúne um certo número de artigos acadêmico-científicos de discentes de pós-graduação, especialmente vinculados às áreas de filosofia, teologia e ciências afins. Alguns desses artigos são resultado mais imediato do empreendimento de pesquisa (dissertação ou tese) que eles/elas estão realizando. Outros surgiram a partir de alguma disciplina que estão cursando no momento, quer de modo optativo, encontrando nela alguma afinidade temática com o tema da dissertação ou tese, quer porque tal disciplina lhes consta como obrigatória.

Quem escreve o editorial poderia fazê-lo se pautando pela pergunta: quais são os temas que nossos discentes estão refletindo/pesquisando? Nesse caso, o editorial consistiria em uma sumária apresentação dos artigos seguida de uma ponderação positiva acerca da relevância e atualidade de tais temas no e para o nosso contexto social, acadêmico-científico. Mas também poderia pautar-se por uma outra pergunta: *como* estão pensando nossos discentes? Neste caso, a leitura dos artigos se concentraria no método.

Com efeito, ter claro qual método é empregado pelo autor ou autora que se está pesquisando é fundamental para uma abordagem fiel e adequada do tema a ser exposto/apresentado. O passo seguinte, consiste então em tomar consciência do próprio método que se está empregando para apresentar aquele tema, para explicar aqueles conceitos, para criticar aquela abordagem, para propor a própria reflexão a respeito.

Ao se adotar uma metodologia expositivo-discursiva, toma-se por prioridade, expor as ideias principais de (um) determinado autor sobre (um) determinado tema com a maior fidelidade possível. Assume-se, então, a posição de um porta-voz daquele autor. Por isso utiliza-se com frequência no texto expressões do tipo: "segundo/de acordo com tal filósofo/teólogo/cientista religioso, tal coisa/tema/conceito/questão é assim e assim"; e, para garantir aos leitores que de fato assim o é, faz-se algumas citações literais escolhidas de alguns textos seletos tidos por importantes para embasar a exposição/discurso que se está fazendo.

Naturalmente, tudo isso é científica e academicamente desejável e correto. No entanto, não se pode esquecer que cada método (caminho) teórico-científico, devidamente elaborado, adotado e aplicado na pesquisa e reflexão, conduz a determinados fins/resultados. Se o método, o percurso argumentativo do autor for ignorado, os resultados, as suas afirmações conclusivas, por mais interessantes que pareçam ser, se mostrarão carentes de fundamentação.

E quando se pretende colocar em diálogo e/ou em confronto dois pensadores acerca de um tema, pensadores que utilizam métodos diferentes de abordagem, os problemas aumentam consideravelmente, sobretudo no momento de emitir algum parecer próprio a respeito, no momento de mostrar a originalidade da pesquisa (no caso dos doutorandos/as). Se o método com o qual se está refletindo coincide com o método de um dos autores pesquisados, então o outro autor será, quase que inevitavelmente, avaliado e eventualmente criticado por esse método (que não é o dele). Seria, por exemplo, como criticar Descartes com o método de Kant, Hegel com o de Marx, Quine com o de Frege, Rahner com o de Panikkar ..., e/ou vice-versa.

Quando por ocasião da elaboração de um projeto de pesquisa - depois de ter discorrido sobre o tema, autor/autores a serem pesquisados, justificativa e relevância da pesquisa -, o discente se encontra com o quesito "método", normalmente preenche esse quesito com algo do tipo: "pesquisa bibliográfica", "análise crítica", "estudo comparativo", "investigação histórica". No entanto, "pesquisa bibliográfica" não constitui propriamente o método de pesquisa, mas antes se trata do mínimo que se há de fazer para poder iniciar e dar forma e conteúdo a qualquer projeto de pesquisa científica. Uma "análise crítica" só terá êxito se puder mostrar os limites do método empregado pelo autor desde um método, em algum sentido, mais abrangente que o dele. De modo semelhante, uma abordagem "comparativa" não ultrapassará a simples exposição das próprias abordagens dos autores sobre determinado tema se não se estabelecer antes o ponto de vista metodológico de quem os compara. Uma investigação "histórica", por sua vez, poderia mostrar, por exemplo, a evolução de um determinado conceito ao longo da história, mas dado que a evolução de tal conceito é devedora de distintos métodos com os quais ele foi pensado, seguir-se-á, mais uma vez, que o conhecimento dos métodos será fundamental para o êxito da pesquisa, assim como fundamental será a clareza sobre o método que se está utilizando nessa pesquisa para empreender com propriedade e originalidade um tal percurso histórico.

A respeito dos artigos deste presente volume, é preciso sublinhar positivamente a formulação concisa do que se pretende: *propor* uma incursão sobre os desafios de se escolher uma profissão na contemporaneidade e o papel que a Filosofia Clínica pode desempenhar nesse processo; *analisar* os principais conceitos da filosofia pragmática da linguagem de Wittgenstein; *analisar* os aspectos centrais da bioética,

especialmente da compreensão biopolítica como teorema da bioética segundo J. R. Junges; estudar a Filosofia Política e a Sociedade atual no pensamento filosófico de Byung-Chul Han; *abordar* a categoria de Não-sei-quê (Je-ne-sais-quoi) na filosofia de Jankélévich por sua importância para a experiência estética e mística; *lidar* com o problema da ética na perspectiva de Søren Kierkegaard, no sentido de uma ética do amor como projeto que pressupõe um fracasso tanto do racionalismo quanto da liberdade, em, por si sós, resolver o problema ético da relação do homem consigo mesmo e com o mundo que o cerca; *apresentar* um paradigma da experiência mística, a monja “Salê”, em Michel de Certeau; *promover* uma relação entre a fé católica e a espiritualidade cosmoteândrica, tomando como base os estudos de Jean Mouroux e Raimon Panikkar, respectivamente; *propor* uma sistematização teológica do ato de fé seguindo a reflexão de João Batista Libanio; *fazer uma leitura* teológica da pandemia da covid-19 e quais os desafios pastorais que tal acontecimento mundial provoca na vivência da fé eclesial; *abordar* o tema da mística cristã e sua relação com o distanciamento social, fruto da pandemia atual que tem aprofundado a crise humana e ecológica, buscando a contemplação cristã como possível caminho, entre outros, para fornecer às pessoas a possibilidade de reencontrarem sua essência, a partir do discernimento dos sinais de Deus; *refletir* sobre a missão da Igreja no (pós) pandemia da Covid-19: novas tarefas pastorais.

Se eles conseguiram satisfatoriamente propor, abordar, analisar, apresentar, promover, oferecer, em suma *realizar* o que se propuseram, significa que adotaram uma metodologia adequada a tais propósitos/objetivos. Nesse sentido, caberá especialmente aos leitores e leitoras apreciarem os artigos e emitirem seus pareceres críticos a respeito; talvez, desta vez, não tanto em relação à imediata relevância social, política, econômica, filosófica ou teológica do tema/problema/categoria/conceito tratado, mas especialmente a respeito de *como* tal tema/problema/categoria/conceito foi tratado, e *como*, no parecer do leitor/a, deveria ser tratado. Tudo isso desperta em nós, docentes, discentes, leitores a consciência da inegável importância do método.

**Washington Paranhos**  
**Cláudia Maria Rocha de Oliveira**  
**Luiz Carlos Sureki**